

# O REMANSO

Ano 02 |Fev.2019

*Todos os dias, de sua casa, Zé Patinho observa apreensivo a Fazenda Floresta*

- **Obras trazem riscos para moradores de Santana**
- **Para o fortalecimento da participação foram criados os Núcleos de Base**
- **Pesquisadores estudam o efeito da lama nos peixes**
- **Povos Tradicionais: Oficinas com o professor Aderval**



# Moradores de Santana temem nova barragem

**N**ão é de hoje que os moradores de Santana do Deserto, comunidade de Rio Doce, estão apreensivos com a possibilidade de construção de uma barragem na Fazenda Floresta. Em visita à comunidade, integrantes da Comissão de Atingidos de Rio Doce e assessoria técnica ouviram diversos relatos.

A calamidade ocorrida em Brumadinho aumentou o temor entre os moradores da localidade. “Tem dia que fico debruçado aqui, olhando rumo à Fazenda Floresta. Fico pensando por qual motivo este pessoal quer construir uma nova barragem. Já não chega o que aconteceu em Mariana e agora em Brumadinho? Quem vai garantir a segurança da gente?”, disse José Ribeiro Neto, morador da comunidade conheci-



Santana do Deserto, comunidade de Rio Doce

do como Zé Patinho.

Adriana Aparecida de Souza, presidente da Associação Comunitária Rural de Santana do Deserto, contou que uma moradora da comunidade, apreensiva, deixa sempre seus documentos em cima de um armário. “Ela me

disse que, em caso de ter que sair correndo, sabe onde pegar seus documentos”.

Após o período chuvoso, em abril, há previsão de retorno das obras, porém os responsáveis informaram que novos estudos sobre o manejo do rejeito

estão em andamento. Existe a possibilidade da UHE Candonga voltar a operar com o volume de rejeito que está nos 400 metros. Portanto, não se sabe se o rejeito será bombeado para a barragem na Fazenda Floresta. Os atingidos temem, pois as cons-

tantes mudanças no planejamento das obras e a incerteza sobre qual procedimento será utilizado para que a Hidrelétrica volte a operar, também geram insegurança à comunidade. Os atingidos temem, e com razão.



Área dos 400 metros próximos a barragem da UHE Candonga

## O lago da lama

**A** comunidade de Santana do Deserto, com 81 moradias, está sendo uma das mais afetadas com as obras de manejo do rejeito. O fato é que, o rejeito acumulado em trecho do rio que margeia os municípios de Santa Cruz do Escalvado e Rio Doce transformou o lago da UHE Candonga num irrefutável depósito de rejeito.

## Mudança no modo de vida

As pessoas criam seus sonhos, seus vínculos, sua história onde residem, e os moradores de Santana do Deserto tiveram o modo de vida totalmente alterado. O trânsito de máquinas pesadas e de caminhões é um dos problemas mais graves. “Estas mudanças mexeram com a cabeça dos moradores aqui. Os idosos quase não saem de casa. Além da poeira causada pelo trânsito de ônibus e caminhões, tem muitas pessoas desconhecidas frequentando a comunidade. Isto nos traz insegurança”, disse Zé Patinho.

O morador, proprietário de um restaurante e uma pousada na comunidade há 19 anos, disse que antes da

lama seu estabelecimento era bastante procurado. “Enquanto os especialistas não liberarem os peixes para consumo, ninguém mais vem aqui. Eu atendia pescadores de várias cidades. Os peixes dos outros locais nunca foram tão saborosos quanto os nossos. Nos feriados, hospedava em minha pousada cerca de 60 pessoas. Espalhavam até barraca no terreiro”, lembra Zé Patinho.

Para Aprígio Antero, proprietário de um bar na comunidade, a lama trouxe somente prejuízos. “Meu comércio caiu muito. Atendia pescadores de muitas cidades todas as semanas. A maioria deles não voltou mais”. Caso semelhante

aconteceu com Antônio Célio Zenaide, também comerciante de Santana. “Minha perda foi muita. Toda sexta-feira preparava para receber os pescadores que chegavam de outras cidades. Eles iam embora somente no domingo. Gastavam bem aqui.”

Adriana disse que as vendas de quitutes da Associação também caíram muito com a chegada da lama. “Fabricávamos 1.200 Kg de biscoitos por mês. Hoje produzimos de 20 a 30 kg. Minha irmã participou de uma feira recentemente, lá encontrou com uma antiga freguesa da Associação. Ela perguntou para a senhora porque não comprou mais os produtos da Associação, e então a senhora respondeu que ficou com medo dos produtos estarem contami-



Zé Patinho

nados pela lama”.

Adriana também falou sobre o aumento do trânsito de veículos na comunidade. “No início, quando as caminhonetes começaram a passar aqui lá pelas 10, 11 horas da noite, ficávamos assustados. Depois acostumamos com o barulho neste horário”. Outro problema exposto pela comunidade é o risco de acidentes na estrada de acesso à comunidade. Eles disseram que, em alguns trechos, a estrada é estreita e não dá passagem para um caminhão e um carro.

## Insegurança Constante

### Abalo assusta morador

João Antônio de Rezende, também morador de Santana, relatou como identificou o abalo em sua moradia. “Começou com uma pequena trinca na área de serviço, mas a mesma se estendeu

para todos os lados do cômodo. Aí eu notei que um lado da área estava mais baixo e resolvi fazer mais uma pilastra de sustentação. Esperamos que este laudo seja liberado rápido, pois estamos em risco”.

Patricia Castanheira



João Antônio mostra trinca em pilastra de sustentação de sua casa

### Casas com trincas



Trincas em casas da comunidade de Santana do Deserto

Seis casas da comunidade de Santana do Deserto foram abaladas e estão em situação de risco. Estas casas são construções antigas e não foram preparadas para receber trânsito intenso e de veículos pesados. Além disto,

próximo à comunidade, iniciou-se a exploração de uma cascalheira, o que, segundo os moradores, pode ter agravado a situação das trincas nas moradias. A comunidade aguarda laudo técnico encomendado pela Fundação Renova.

#### Mais transtornos: calçamento danificado

Outro problema foi exposto à Comissão pelo comerciante Antônio Célio. “Passaram com uma máquina pesada aqui e danificaram o

calçamento em frente a minha propriedade. Agora, quando chove, a parede do quarto do meu filho fica úmida e dá cheiro de mofo”.



## Mapeamento de comunidades tradicionais

As atividades programadas para o mapeamento dos faiscadores e demais povos e comunidades tradicionais impactados no território iniciaram no dia 16 de janeiro. Nesta etapa, o Professor Aderval Costa Filho, com apoio de sua equipe, ministrou oficinas em Rio Doce, Santa Cruz do Escalvado e Ponte Nova (atendendo comunidade atingida do Chopotó).

O mapeamento ainda passará por outras etapas: visitas às comunidades para coleta de dados quantitativos e qualitativos; consolidação e tratamento dos dados; elaboração de relatório preliminar e devolução dos resultados às comunidades e atores locais/regionais, com possibilidade para complementação de dados; elaboração e entrega de relatório final ou Laudo Pericial, constando também os subsídios para a constru-



Gilberto Amorim

Oficina com moradores do Chopotó ocorreu no salão paroquial da Igreja São Sebastião/Ponte Nova

ção do Plano de Reparação e Sustentabilidade das comunidades e de seus

modos de vida. A previsão é que os trabalhos sejam concluídos em novembro.

## Núcleos de Base

Os Núcleos de Base são pequenos grupos organizados em uma comunidade que tem interesses comuns em defesa de seus direitos e melhores condições de vida. Representam uma estrutura fundamental da organização e participação popular no processo de reparação de danos sociais e econômicos.

Neste sentido, as Comis-

sões de Atingidos de Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado/Chopotó estão criando os Núcleos de Base. Após a constituição dos grupos, as comissões, junto à assessoria técnica, retornarão às comunidades para informarem as próximas etapas dos trabalhos e distribuírem tarefas conforme habilidades de cada pessoa do Núcleo.

Patricia Castanheira



Reunião para definição do Núcleo de Base das ruas da Linha e Principal (Rio Doce)

## Pesquisas das Universidades

Com o objetivo de detectar diferentes contaminantes como metais e compostos orgânicos, pesquisadores da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP) realizam captura de peixes, água e sedimento no rio Doce.

Para a pesquisa da UNESP serão capturados peixes no verão e no inverno de 2019 e os estudos serão realizados em, no mínimo, dois anos. A pesquisa irá associar a análise química da água e do sedimento com as respostas biológicas nos peixes.

Uma das pesquisas da UFV tem como foco a análise do tecido muscular dos peixes. Para esta pesquisa será capturado um total de 1000 peixes em 40 pontos da

Bacia do Rio Doce, em locais afetados pela lama e não afetados. Até o momento, foram capturadas 300 amostras para estudo em 10 pontos. Em breve, o resultado deste estudo será divulgado.

Outro grupo de pesquisadores da UFV, do Departamento de Biologia Animal, realiza análises dos peixes da família Ciclídeos (Cará e Tilápia) a fim de detectar a toxicidade nos animais após o rompimento. Eles também capturam peixes em áreas afetadas e não afetadas. Esta equipe finaliza seus estudos em meados de 2019.

Outro centro de pesquisa, o Instituto Lactec, também estuda os peixes do território. O Instituto foi contratado pelo Ministério Público.



Patricia Castanheira

Pesquisadores da UFV, Maria Luiza, Filipe Iglesias e Leticia Valadares, com a orientadora Sirlene Sartori separam os órgãos dos peixes para análise



CENTRO ALTERNATIVO DE  
FORMAÇÃO POPULAR  
ROSA FORTINI

✉ ascomfortini@gmail.com  
www centrorosafortini.com.br  
f centrorosafortini  
i centrorosafortini